

Stadium

N.º 99 * 25 DE OUTUBRO DE 1944 * PREÇO 1\$50



VEJA NESTE NUMERO

Uma oportuna entrevista com Rosa Lopes, a excelente nadadora do Atlético

«O Mundo da Bola» — mais uma página de interesse

Os melhores instantâneos dos jogos de futebol da 6.ª Jornada do Campeonato de Lisboa

LEIA NO PRÓXIMO NÚMERO

Sensacional entrevista com o Barão Henri de ROTSCCHILD concedida expressamente à «Stadium»

TEIXEIRA, DO BENFICA

cujo dinamismo e entusiasmo na luta representam fielmente a tradicional «alma» benfiquista!

INICIATIVAS DA «STADIUM»

O «Curso de Ciclistas»

prosegue com êxito e crescente interesse dos alunos

A segunda sessão do «Curso de ciclistas» efectuada na passada sexta-feira, na sede da Federação, obteve incontestável êxito. Para assistir à lição ministrada, com a sua comprovada competência, pelo nosso prezado camarada Gil Moreira, acorreu mais de meia centena de alunos, bem como alguns dos mais conhecidos dirigentes da modalidade, que seguiram com interesse as palavras do orientador do «Curso».

Não constituiu a concorrida reunião, como sucede por vezes em casos semelhantes, uma simples reunião de pessoas sem outro objectivo que não seja o de agradar a quem as convida. Nesta aula do «Curso de ciclistas» ensinou-se com carinho, procurou-se aprender com interesse, divulgaram-se já algumas ideias e princípios de grande utilidade — effectou-se, em resumo, trabalho benéfico e de carácter puramente construtivo para a velocipedia. E a avaliar pela satisfação dos alunos, entre os quais duas senhoras, e pela alegria — é o termo — com que tomaram os primeiros apontamentos e indagaram e comentaram os assuntos tratados, é de crer que as futuras aulas, a repetir todas as sextas-feiras, ultrapassem o êxito verificado agora.

Depois de recapitular algumas passagens da lição inaugural, para os alunos que não a ouviram, Gil Moreira explicou como deve ser uma bicicleta de corrida, quais os aperfeiçoamentos que a têm beneficiado e os objectivos a que visaram. Ensinou como deve medir-se um quadro e pormenorizou os dados indispensáveis para a escolha das bicicletas que convêm aos ciclistas em relação às suas estaturas. Logo se notou na assistência o propósito de assimilar tudo quanto ouvia. Tomou-se nota das vantagens da bicicleta de lançamento curto e mais perpendicular que as máquinas de 1900, vantagens que se traduzem pelo melhor equilíbrio e domínio da montada nas curvas; anotou-se também o facto da bicicleta relativamente curta dar maior rendimento nas subidas que a máquina comprida, e ficou-se sabendo a maneira de tirar as medidas a um quadro.

Sempre escutado com crescente interesse, o nosso camarada Gil Moreira apontou os inconvenientes das bicicletas altas de quadro e de centro de pedaleiro muito elevado em relação ao solo, dizendo que em tais máquinas — modelos de 1912 a 1920 — o ciclista, sentado a mais de um metro do plano no qual a bicicleta rola, provoca tamanho desequilíbrio na marcha que tem sérias dificuldades para executar viragens de pequeno raio, visto ser necessária uma demasiada inclinação para o interior da curva, afim de anular a força centrífuga, mas com o perigo do resvalamento — a «derrapagem» dos franceses.

Gil Moreira apontou depois os inconvenientes das bicicletas muito compridas, isto é, com distâncias exageradas entre eixos, nas quais a perpendicular do eixo da roda deanteira, que corresponde à tangente que assenta no solo, fica muito longe de identica tangente da roda de trás, a roda motora. Assim, o plano inclinado a vencer, nas subidas, é maior — e por consequência o esforço também superior. A influência de semelhante pormenor é tão grande no rendimento dos ciclistas que os italianos, com estradas mais acidentadas do que os franceses, usam, em relação a estes, e na generalidade, os quadros mais curtos dois a três centímetros.

Segundo as conclusões a que chegou nos estudos que fez, baseados nas teorias do engenheiro francês Faroux e dos técnicos da construção inglesa Hauton e Nipfer, e ainda seguindo os princípios defendidos por mestre Alfredo Luiz Piedade, desenhador de elevado mérito e que tanto tem contribuído para o aperfeiçoamento da técnica dos ciclistas portugueses, — Gil Moreira aconselhou, como melhores para as características das nossas estradas, as seguintes medidas de quadros:

Altura do centro do pedaleiro ao solo, 26 a 27 cm.; distância do eixo da frente ao centro do pedaleiro, 60 a 61 cm.; distância do eixo de trás ao pedaleiro, 44 a 46 cm. São estas as medidas que devem indicar-se na escolha de um quadro, porque todas as outras lhes ficam subordinadas.

Sobre a altura do quadro, o orientador do «Curso» desenvolveu a sua teoria como segue: Convençionando-se que o tubo do selim é TS; que o selim com o espigão à medida em que deve ficar é S; os crenques C; e a perna do ciclista P — teremos: $TS = P - (C + C)$. Assim, um ciclista que tenha, por exemplo, 82 cm. de perna (da virilha ao calcão) e use crenques de 16 cm., deve escolher um quadro de 56 cm., porque 17 cm. mais 9 cm. e mais 56 cm., igual a 82 cm.

Concluiu Gil Moreira a sua proveitosa lição com interessantes indicações sobre as medidas dos quadros utilizados por alguns dos campeões internacionais, tais como Magne, Pélissier Archambaud e Bartali, e por alguns dos mais populares estradistas portugueses que possuem técnica perfeita, citando Aristides, Lopes, Rebelo e Rocha.

Descrito o tema da terceira lição, marcada para depois de amanhã, sexta-feira, no mesmo local, e que consta de como deve equipar-se

Reportagens gráficas

Por lapso não foi incluído no nosso último número o cupão n.º 16, referente às nossas reportagens gráficas e tricromias. Com as melhores desculpas aos nossos leitores, informamo-los que basta apresentar a colecção dos restantes 15 cupões para terem o mesmo direito à capa que oferecemos.

Aproveitamos a oportunidade para informar todos os leitores que nos enviaram importâncias para aquisição de números estrazados, que vamos reimprimir as separatas esgotadas, fazendo a respectiva remessa logo que este trabalho se encontre concluído.

Os coleccionadores da provincia que nos remelêrem os cupões para obtenção da capa, devem ter o cuidado de indicar, por forma bem legível, os respectivos nomes e moradas.

uma bicicleta de corrida e quais os tipos de acessórios mais aconselháveis, Gil Moreira encerrou, entre aplausos, a sua magnífica lição.

A «Prova iniciação Flecha»

principia no sábado com as tiradas de

LISBOA-SINTRA-SINTRA-LISBOA

O ciclismo português terá finalmente nos próximos dias 28 e 29, sábado e domingo, uma das competições que lhe são absolutamente indispensáveis para o seu desenvolvimento e expansão.

Trata-se da «Prova Iniciação Flecha», promovida pela Stadium, em colaboração com a Associação de Ciclismo do Sul e com o «Stand Flechas».

Destinada a corredores principiantes, a gente nova, capaz de vir a ser algum na velocipedia de competição, esta prova despertou vivo interesse e tem êxito assegurado. Com acentuadas características de propaganda e posta de pé com o fim de movimentar as diversas regiões do País onde o ciclismo possa desenvolver-se, a corrida de sábado e domingo deve, estamos certos disso, revelar valores novos, bem como servir para captar um núcleo de elementos que possa, em futuro próximo, renovar as fileiras dos consagrados — actualmente tão desfalecidos.

Dotada de valiosos prémios (o total ascende a cerca de oito mil escudos), a «Prova de Iniciação Flecha» foi acolhida com franca simpatia nas regiões à volta da capital — e até na provincia, de norte a sul. Assim, teremos um representante de Castelo Branco — Mourinha, um rapaz de inegável habilidade; o Algarve envia pelo menos três corredores; os concelhos de Caldas da Rainha, Torres Vedras, Sintra e Lourinhã estarão representados; Alenquer terá na prova uma valorosa equipa; e conta-se ainda com a inscrição de rapazes dos concelhos de Setúbal, Cascais, Vila Franca, Cartaxo, Bombarral e Mafra. Quanto à representação de Lisboa, será numerosa e de valor. O Benfca inscreveu perto de uma dezena de estradistas, e Alunos de Apolo, Combatentes, Sporting, «Iluminante», Lisgás e Arroios terão também quem envergue as suas camisolas na «Prova Iniciação Flecha».

Por isso, pode afirmar-se que a prova, embora não atinja, em expansão, por exemplo, o mérito «Grande Prémio Olímpique», organi-

zado há anos com o objectivo idêntico, encerra no entanto excelentes motivos de propaganda.

A concentração dos corredores far-se-á no largo do Intendente, em frente do «Stand Flecha», pelas 8,30 horas. Daqui seguem, em passeio, até à avenida da Índia, onde será dada a partida oficial para a tirada Lisboa-Sintra. O percurso é depois o seguinte: avenida da Índia (defronte da Refinaria Colonial, Cascais estrada de Alcabideche, Alcabideche, Linho, Ramalhão, Estefânia e Sintra).

A segunda etapa, que principia às 15 horas, terá o seguinte itinerário: Sintra, Loure Algueirão, Belas, Caneças, Odivelas, Carriche e Campo 28 de Maio, com chegada defronte da esquadra.

Os concorrentes reúnem-se de novo no domingo, para a terceira tirada, às 8,30 horas, também no largo do Intendente, afim de saírem para o local da partida, marcada no Campo 28 de Maio, às 9 horas. Seguem então até à Malveira, por Carriche e Loures, e depois até Torres Vedras. Chegada: na recta da estação do caminho de ferro.

A quarta e última etapa é disputada pela estrada de Runa, Póvoa da Galega, Venda do Pinheiro e Loures, novamente com a chegada no Campo 28 Maio.

Os concorrentes devem tratar de toda a sua documentação — licença e boletim de inspecção médica — até sexta-feira, 27, à noite, na sede da Associação de Ciclismo, onde podem também apresentar as suas inscrições e pedir quaisquer esclarecimentos.

É colocada à disposição dos corredores uma camioneta para o transporte de roupas, as quais devem ser entregues no local da concentração.

Os clubes que pretendam levar carros de apoio têm de inscrevê-los na Associação de Ciclismo, pois os referidos carros não podem acompanhar a prova sem transportarem um delegado oficial.



NO MUNDO DA BOLA



PELO "JORNALISTA DESCONHECIDO"

Há resposta para tudo...

Os adeptos da Bola têm sempre alguma dúvida a esclarecer, uma regra a interpretar, um problema de técnica e até qualquer curiosidade. Por isso criamos esta secção que, por direito próprio, pertence aos nossos leitores, cumprindo-nos agora responder a algumas perguntas que nos foram postas, na certeza de que procuraremos comunicar devidamente com o público.

N.º 1—Em conversa comigo, um árbitro de futebol disse-me outro dia que, no começo de um jogo, o favorecido pelo sorteio da moeda pode optar pelo pontapé de saída e não pela escolha do campo. É isto possível? Não será uma coisa estúpida? (*Mourisca, da Figueira da Foz*).

A Regra 8.ª diz que o grupo favorecido pela sorte tem o direito de escolha: ou campo, ou pontapé de saída. Isto, evidentemente, em teoria, visto o factor campo ser um traço muito melhor que a escolha da bola. Nem sabemos porque semelhante regra ainda não foi riscada, por desuso. De resto, noutros desportos encontra-se a mesma disposição.

N.º 2—Qual a idade e onde nasceu o avançado-centro Fernando Peyroteo? (*Um sportinguista, do Montijo*).

Não faz mal descobrir a idade de um homem... Podemos informá-lo que o conhecido jogador Peyroteo já completou 26 anos, pois nasceu a 10 de Março de 1918, em Ilmpata (Huila).

N.º 3—Apostei com um amigo em como Portugal nunca jogou contra a Selecção B de Espanha, e muito menos que ela tivesse perdido contra uma Selecção B. Que me diz? (*Moreira de Alhandra*).

Fez muito mal em apostar. E que perdeu! No dia 29 de Maio de 1927, em Madrid, o team de Portugal bateu-se contra a Selecção B de Espanha, perdendo por 2-0. Nesse mesmo dia, em Itália, a Selecção A de Espanha perdeu por 2-0. É sina nosso perder contra a Espanha, em futebol...

UM POUCO DE GRAÇA...

De regresso a Lisboa, no caminho para o aeródromo de Barajas, o jogador Albino diz para os companheiros, olhando o céu:
Já viram se a estrada para Lisboa está em bom estado?

À entrada do campo do Metropolitano, um espanhol disse para Peyroteo:

O Atacção vai ganhar por 7 a 0. Ante o sorriso do jogador português: Não faço o mais leve abalimento...

À saída do campo, no fim do jogo, Peyroteo para o mesmo espanhol:— **Que descontro!**

A.º PROPÓSITO...

O "CURSO" DE "TREINADORES DE FUTEBOL

parece-nos uma idéia a pôr em prática

ENTENDEMOS de há muito que a Organização da Bola não se pode limitar à elaboração de campeonatos, mais ou menos bem engendrados no seu expediente e nas aspirações que representam.

Pouco se faz em profundidade. Nisto de renovar camadas de jogadores, de árbitros e dirigentes, que correspondam às necessidades do nosso desporto. À sua expansão e à sua âncora de aperfeiçoamento. A nossa Federação prende-se muito, talvez demasiadamente, com esse ramerrão dos torneios, esquecendo-se de uma tarefa porventura obscura, mas altamente profícua; lançar as bases de um trabalho de remodelação. Tarefa que se impõe, e cada dia mais.

Já alguém pensou no que representa, em Portugal, aperfeiçoar toda uma mentalidade desportiva, desbravando os primeiros passos do jogador, no bom caminho do jogo? Nestas condições, a criação de um Curso de Treinadores feita pela Federação — sejam quais forem os defeitos que possa evidenciar — representa qualquer coisa de muito valioso.

Toda a gente fala da Bola. Os técnicos encontram-se a cada esquina. No entanto, que de dificuldades o Mundo da Bola encerra, no arranjo dos grupos, sua preparação, e também no aspecto valiosíssimo de escola de jogadores. Porque, antigamente, os jogadores mortos eram substituídos com facilidade. O treinador tinha à mão, como que por encanto, na falta do titular, o suplente à devida altura do pósto. Encaminhado no sentido profundamente profissional, e mal parece que não tenha sucedido o contrário, os treinadores descuraram o problema, e a falha num lugar passou a constituir um tormento clubista, durante anos e anos, sem que a solução apareça, ante a benevolência incompreensível dos dirigentes e associados.

É evidente que o Curso de Treinadores pode exercer grande influência — modificando semelhante estado de coisas. Sobre tudo fora das grandes cidades,

sem um conselho e uma orientação, o problema tomava proporções que exigia, realmente, o mais pronto remédio. Já Cândido de Oliveira notara o facto, lançando a idéia dos treinadores para os Clubes Populares—idéia reeditada pela nossa Federação.

Em Espanha, o problema também se pôs com todo o interesse e a maior acuidade, porventura influenciado pelas mesmas causas. Segundo julgamos, e apesar de tudo, a idéia não conseguiu triunfar no vizinho país, não porque os candidatos não tivessem acorrido — só porque, na prática, a realidade não correspondeu ao que se esperava.

No entanto — o Curso de Espanha não estava mal gizado. Era uma coisa séria, nos seus fundamentos e programa. Começando em 15 de Outubro e acabando em 30 de Maio, toda uma época de trabalhos, a referida Escola compreendia as seguintes disciplinas: 1.ª, medicina elementar; 2.ª, teoria e razão de ginástica; 3.ª, prática de treino; 4.ª, regulamento de futebol; 5.ª, psicologia e ética.

Não sabemos, por não termos seguido com atenção o assunto, se o Curso da nossa Federação de Futebol tinha tão largos horizontes, envolvendo doutrina tão completa e perfeita.

Não queremos, porém, deixar de afirmar que, neste capítulo, se atende muito à teoria, na verdade indispensável, mas na sua justa medida, desdenhando da prática.

Seja qual for o sistema adoptado, e o programa do Curso, afiguram-se-nos indispensável que os candidatos sejam confiados, como que em estágio, à orientação dos treinadores de boa classe, os que estão nos grandes clubes, seguindo com eles a preparação e a trajectória dos teams. Aprendendo — pelos olhos e pela experiência. Sentindo um jogador nascer, desenvolver-se, tornar-se um praticante de categoria. Observando a elaboração de um grupo. Enquanto não se proceder assim — não se trabalha em profundidade. Fazem-se coisas para se dizer que coisas se fazem. Levanta-se poeira. Todos se esquecendo que, uma vez afastada a nuvem de poeira, se vê claro, surgindo a realidade com todos os defeitos. Nem o branco pode ser preto, nem o preto branco. Por tudo isto, aguardamos que a idéia do Curso de Treinadores da Federação de Futebol que, na finda época, foi uma experiência, como que um balão de ensaio, se transforme amanhã naquilo que na realidade deve ser. Impõe-se o trabalho em profundidade.

Dois jogadores

frente a frente

no posto de medio-centro

BARROSA, do Sporting, é o médio-centro que chega. Albino é o médio-centro, já de carreira feita, quasi a

tocar a hora da renúncia. E nem isto deverá ferir a sensibilidade do referido jogador, pois a verdade é que ele prestou ao futebol português contribuição de que poucos podem orgulhar-se. E mesmo hoje cumpre o seu lugar tão exemplarmente que muitos o consideram o melhor jogador nacional no referido posto.

O Sporting-Benfica colocou frente a frente Barrosa e Albino. E isso despertou a nossa atenção, vendo cada um deles evolucionar dentro do seu estilo e características.

Na actuação de Albino interveio o saber, a experiência, a colocação no terreno. Em compensação, em Octavio Barrosa tudo foram movimentos de rapidez e energia, com alguns toques preciosos da bola, numa actividade estuante de mocidade e vigor físico. Eram, no fundo,

duas escolas que se afrontavam. Albino vem dos tempos antigos, onde a personalidade do jogador se desenvolvia com certa liberdade. Barrosa chega na altura da disciplina absoluta de movimentos. Tem, além disso, pelo seu lado o favor da idade e da vida. Qualquer deles, porém, esta a cumprir o seu dever. A tradição portuguesa de bons médios-centro não se perde. Eis o que importa.

LEMBRA-NOS QUE...

Terminou esta época a percentagem de 14 %, atribuída aos proprietários do campo, no campeonato de Lisboa. A receita é agora dividida em partes iguais pelos clubes contendores. Critério justo.

Em principio teremos o Portugal-Espanha em Março próximo, em Lisboa e possivelmente no Estádio Nacional. Falta só a sanção superior.



ROSA LOPES

a simpática campeã do ATLÉTICO

conta os motivos que a afastaram das provas desta época e afirma que voltará a nadar logo que possa defender o seu título!

A época natatória de 1944 decorreu sem que Rosa Lopes, uma vez ao menos, tivesse aparecido em provas de competição. Vimo-la, por diversas ocasiões, entre a assistência, seguindo os campeonatos. E, no entanto, Rosa Lopes sempre fôra das mais dedicadas, das mais entusiasmadas, das nadadoras que compareciam às provas com maior regularidade.

A sua carreira — apesar de contar apenas dezasseis anos — era já de certo modo longa. Começara garota, muito pequenina ainda, no pósto náutico do Carcavelinhos, na doca de Alcântara. Aos seis anos e meio já nadava. Aos sete, com espanto geral, atravessava aquela doca em toda a sua largura — cerca de trezentos metros. Em 1939 — com onze anos somente — conquistava o seu primeiro título: o campeonato regional dos 66 metros-bruços meninas. Nos anos seguintes, 1940, 1941 e 1942, repetiu a proeza, coleccionando, assim, quatro títulos de campeã — como infantil.

Tornou-se, então, por mérito próprio, a mais representativa figura da secção de natção do seu clube, o orgulho justificado de todos os alcantarenses que se interessam pela bela modalidade, e acima de tudo, mais do que uma esperança — uma certeza do nosso desporto feminino.

Em 1942, conquistou ainda um título de que legitimamente se orgulha: o de campeã nacional escolar dos 66 metros-bruços, meninas, em representação da Escola Commercial de Ferreira Borges. Na época imediata, 1943, Rosa Lopes teve uma temporada verdadeiramente triunfal. Além da conquista do título regional da sua categoria — 66 metros-bruços, senhoras, principiantes, — apoderou-se de uma série de «records», tanto desta categoria como da de júniores, os quais melhorou progressivamente, com regularidade deveras matemática. Relembremos: 100 metros-bruços, senhoras, principiantes, 1 m. 44,9 s.; 200 metros, 3 m. 49 s.; 400 metros, 8 m. 06 s. Como júnior, assehorou-se dos máximos nacionais de 200 metros-bruços, 3 m. 47,2 s., e de 400 metros, 8 m. 19,4 s.



Rosa Lopes, campeã...

E depois, como cúpula do edifício, como apoteose condigna de uma época brilhante, a realização do seu maior «sonho», a materialização do seu maior desejo: a conquista do título de campeã nacional dos 200 metros-bruços — proeza por nós vaticinada, nestas colunas, quatro dias antes da prova — conseguida numa corrida memorável, em Espinho, na qual Rosa Lopes sustentou luta cerrada, palmo a palmo, com a conimbricense Ilda Raposo, acabando por ganhar, brilhantemente, sobre a meta, por 2/10 de segundo.

... E depois desta carreira relevante, de que citamos, pela força das circunstâncias, apenas os sucessos mais importantes, a temporada de 1944 abriu e encerrou-se sem que a simpática Rosa Lopes tivesse tomado parte em competições...

Lógicamente, o facto suscitou natural estranheza. Em torno da ausência de Rosa Lopes — talvez lhe possamos mesmo chamar, do «caso» Rosa Lopes — começaram a architectar-se as mais variadas hipóteses...

Abandono puro e simples — diziam uns... Abandono temporário — asseveravam outros. No seu próprio clube, entre os sócios do progressivo Atlético, as opiniões divergiam. Para mais, Rosa Lopes, apesar de instada, não fizera quaisquer declarações à imprensa. E as versões mais disparas continuaram a correr. O caso de sempre, aliás, uma vez que alguém transpõe os umbrais da popularidade...

Ouvir Rosa Lopes — embora o soubessemos de antemão difícil — impunha-se.

Foi o que conseguimos na pretérita semana. A insinuante desportista, extremamente amável, num gesto deveras gentil que muito nos penhorou, aquiesceu em falar à Stadium, dando-nos até a honra de visitar a nossa redacção.

[E a entrevista fez-se — sensacional, a todos os títulos. Poucas palavras, precisamente as necessárias, mas que repõem a verdade e acabam com os boatos...]

— Não entrei em competições durante a época que teve o seu epílogo há pouco, apenas por uma razão: por não poder correr como senão, e, como tal, não poder defender o meu título de campeã de 1943. Não quero dizer com isto que discorde do regulamento que veio ordenar e disciplinar a natção desportiva. Não! Compreendo perfeitamente que atingi uma posição à qual, em regra, só se chega mais tarde.

E num desabafo:

— Sinceramente, sem qualquer sombra de desprimor para as minhas adversárias, a verdade é que não me interessava correr como principiante. Bem vê: como principiante, fui campeã, melhorando todos os «records». Passei a júnior, e havi igualmente os «records» desta categoria... Não!... Prefiro assim: um compasso de espera na minha carreira, e, volvidas duas épocas, voltarei, podendo então participar já nos campeonatos nacionais.

— E a «forma», a ausência às provas...

— Estou em «forma». Eu não deixei nem deixo de nadar! Tenho treinado. E faço-o até por prazer, porque a natção é o meu desporto predilecto — o meu desporto, afinal...

— Nesse caso só em 1947 voltará às competições?...

— Provavelmente. Devo esclarecer, no entanto, que um elemento de bastante prestígio do meu clube já expôs o caso ao doutor Mesquita Guimarães — que o achou digno de atenção. É mesmo natural que seja criado um regulamento especial para senhoras. Em qualquer dos casos, o Atlético contará sempre com a minha colaboração. Ao Atlético espero ainda oferecer alguns títulos de campeã...

E numa transição:

— Houve quem dissesse que eu deixara de correr em consequência dos progressos evidenciados pela nadadora Hety Heyman. Puro engano. Sempre fui desportista. Depois, Hety é estrangeira. Como tal não pode concorrer aos campeonatos nacionais. Devo, porém, acentuar que me ligam é simpática nadadora os melhores laços de amizade, como aliás a todos os elementos do Estoril-Prata, inclusivé ao seu treinador, Azinhais dos Santos, a quem devo inúmeros ensinamentos, atenções e facilidades.

Eis, portanto, leitor amigo, por quê Rosa Lopes não correu na temporada finda. O assunto afica esclarecido com toda a sua verdade — e simplicidade. Como tal, nada mais há a acrescentar, ou a comentar...

ABREU TÓRRES



A simpática desportista fala à «Stadium»

Na redacção da «Stadium», com o nosso director e alguns redactores



Corrija o seu ESTILO

A fotografia é o fiel reflexo das atitudes atléticas e serve para anotar defeitos e virtudes

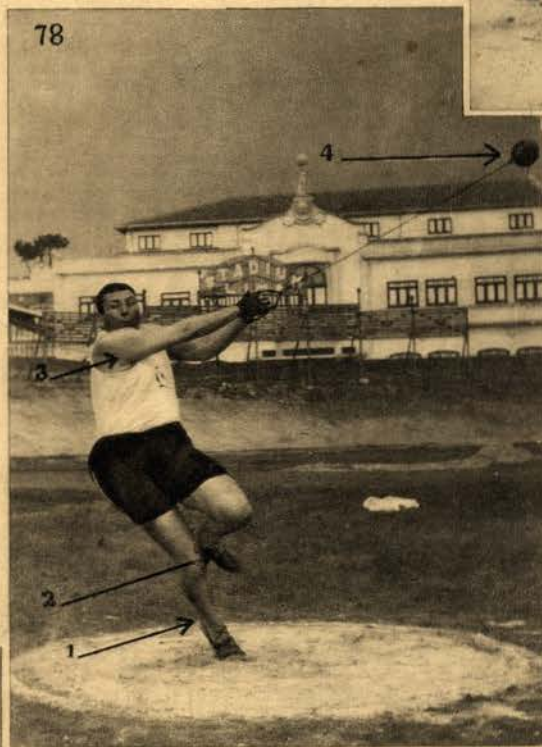
76 — Manuel da Silva, campeão nacional

1 — A posição dos dois pés em relação ao bordo do círculo estigmatiza o grande defeito de técnica do nosso campeão, a quem são permitidas todas as ambições quando conseguir corrigir-lo. Como se vê, o lançador encontra-se junto do arco lateral do círculo, largamente desviado do diâmetro de projecção, consequência da forma desequilibrada como executa a volta dentro do círculo. O pé esquerdo, o primeiro a deslocar ao iniciar-se o rodopio, deve vir assentar rigorosamente sobre o diâmetro de projecção e nunca muito mais além, como sucede no caso exposto.

2 — A posição do corpo (atitude geral) é quasi correcta; o péso do lançador apoia-se sobre a perna da frente, que devia estar completamente estendida não está porque a posição desviada do pé o não permite) e o avanço do tronco precede nitidamente o movimento do ombro e do braço. A linha de gravidade apresenta-se ainda recuada em relação ao eixo da perna de apoio, porque o afastamento dos pés é exagerado e a acção impulsiva da perna da retaguarda deficiente, como mostra a falta de projecção anterior da anca direita.

3 — A posição do braço esquerdo é de notar: flexão angular, cotovelo recuado baixo, o que provoca a indispensável báscula da linha escapular, isto é, ombro esquerdo para baixo e para trás, afim de girar o ombro direito para diante e para cima.

4 — Muito boa chicotada do braço, que é puxado pelo corpo e pelo ombro, sem contractura muscular. É este o melhor triunfo no lançador.



77 — Francelina Moita, do C. F. «Os Belenenses»

1 — O disco saltu da mão com os dois pés no ar, não havendo portanto a menor resistência de apoio que assegure o aproveitamento do esforço de projecção. Nenhum esforço é proveitoso se não encontrar um ponto de apoio sólido; era assim que Arquimedes prometia levantar o mundo com uma alavanca.

2 — Como no caso anterior, a posição do braço esquerdo e toda a posição do tronco parece indicar uma regular execução dos gestos finais que antecedem o disparo do disco. Tanto mais para lamentar é, pois, o erro do salto, que inutiliza todo o restante trabalho e resulta da falsa interpretação, muito generalizada entre os atletas, da oportunidade e finalidade da troca dos pés ao concluir o lançamento: esta

resulta apenas da necessidade de manter o equilíbrio dentro do círculo e segue-se ao lançamento, nunca porém coincidindo com as manobras de projecção. Os pés só se levantam do solo depois do disco ter saído da mão.

78 — Herculano Mendes, campeão de Portugal

Esta fotografia é ótimo documento do estilo cuidado do nosso campeão; lembramos apenas, para os devidos efeitos, que ele é canhoto e a posição é por conseguinte invertida relativamente aos lançadores normais.

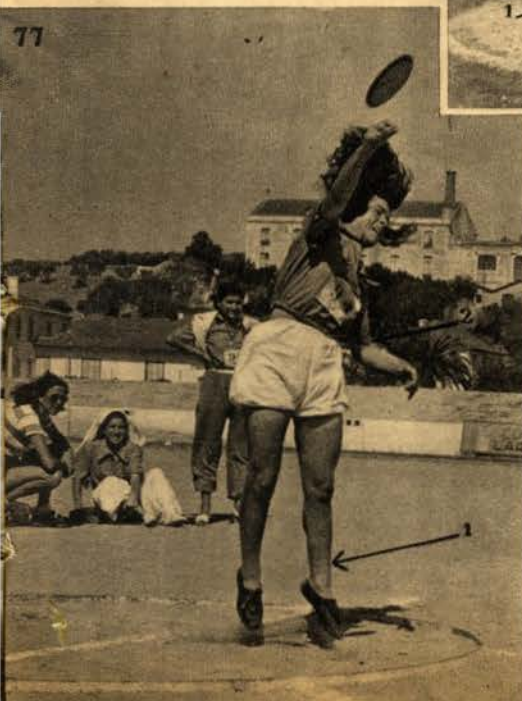
1 — Todo o corpo está desviado para fora em relação ao ponto de apoio do pé, para compensar a influência da força centrífuga desenvolvida pela rotação do martelo.

2 — O pé em deslocação vem bem levantado do solo, arrastado pelo joelho que antecede o tronco na sua rotação, e garante assim o apoio conveniente, relativamente à progressão no diâmetro de lançamento.

3 — Os braços vêm completamente estendidos, no prolongamento do eixo do martelo, e o tronco antecede o girar da esfera, que não se encontra em frente do peito mas sim, e muito bem, recuada para o lado oposto à rotação.

4 — A esfera encontra-se mais alta do que a cabeça, mas pouco mais alta, e dirige-se agora para baixo, descrevendo uma trajectória oblíqua, que corresponde ao sentido da tração final dos braços quando o martelo é libertado.

Salezar Correia



OS GRANDES TORNEIOS DO FUTEBOL

JORNADA APARENTAMENTE FÁCIL DIFÍCIL NA PRÁTICA...

Classificação geral sem alteração — Bloco constituído para o campeonato nacional?

Crónica de TAVARES DA SILVA

COMEÇOU a 2.ª Volta do campeonato de futebol de Lisboa, afirmando-se, e cada vez mais fortemente, embora alguns dos participantes sejam de maior colação, a chamada *distribuição equilibrada de valores*. Trata-se de um torneio, sob o ponto de vista de competição, excelentíssimo. É possível entre o primeiro e o último classificado dar-se uma luta com o resultado de 2-1, e para mais no campo do que vai à cabeça da classificação. Isto diz tudo. Melhor que lódas as provas ou comentários.

Quer dizer também que se vai consolidando o conceito de que todos os desafios comportam enormes dificuldades. Os lidos como difíceis. Mesmo aqueles que julgamos de vitória ou derrota certa. A verdade é que não há hoje, no futebol lisboeta, o que se entende por *desafio fácil*. A teoria, ou o estudo prévio de qualquer luta, isto é, a apreciação das forças e valores em campo, dita, evidentemente, um vencedor e um vencido. Mas até o espírito mais esclarecido em matéria futebolística não consegue atingir a fantasia do que se passa na prática e no rectângulo do jogo. A realidade tem imprevistos a cada canto do campo, que projectam e exercem influência no desenvolvimento do *association*, a tal ponto que o vaticínio, assente na melhor ciência e nas mais sólidas razões, cai por terra, com incrível facilidade. Já repararam que os vaticínios têm sempre qualquer coisa de caricato? Por tudo isso mesmo que aí fica dito...

O quadro da 6.ª jornada é expressivo. Ganham, evidentemente, os favoritos. Não basta, porém. É preciso atentar em como se ganha, se com o sorriso nos lábios, se com o rictus de sofrimento estampado no rosto. Para a contagem dos pontos é a mesma coisa, dir-se-ia. — Sim. Parece que é a mesma coisa. Mas uma vitória arrancada em sacrifício deixa a marca do esforço produzido. Trata-se penitência de uma vitória que vai germinar derrotas, no futuro.

Vejam-se as coisas. O encontro de Santo Amaro apresentava-se difícil, e assim foi. A luta do Estoril previa-se muito dura para o Benfica e não teve no fundo essa grande dificuldade prevista. O desafio do Lumiar tinha aspectos de passeio para o Sporting e afinal foi uma luta sem tréguas e indecisa até ao derradeiro instante. É assim a bola.

Alguns dos concorrentes firmaram as suas linhas. Quer dizer, tendo encontrado a devida formação (por vezes há enganos) insistem nela, apresentando-a em campo, sempre a mesma, a única maneira, é certo, de fazer *teams*, dando-lhe o que em futebol tem mais valor do que tudo: a *forma*. Estão neste caso o Sporting, o Belenenses, o Estoril, e um pouco o Alélico. Percorrendo estes grupos encontram-se os mesmos nomes. Só um ou outro que não é o do costume, mas isso deriva de lesão ou impossibilidade do titular. A própria Cuf caberia na afirmação se não fora a punição dos seus homens, obrigando a alterações profundas na estrutura do *team*. Já do Benfica não se poderá dizer o mesmo.

O alinhamento verificado na Amoreira prova que o clube se entrega a uma tentativa calculada de aperfeiçoamento. A subida de Gelvão à primeira linha, como se

vinha a justificar desde a primeira hora, e a remodelação da célula avançada, assim o indicam. O tempo dirá se a presente orientação benfiquense é boa. Que é lógica, nos parece pelo menos.

A 6.ª jornada apresenta coisas boas e más, no seu conjunto. Média futebolística razoável. *Classificação geral* sem alterações. Talvez o grande defeito da 6.ª jornada que parece ter apartado definitivamente os quatro clubes que, por Lisboa, tomarão parte na Primeira Divisão do Campeonato Nacional, e entre os quais se encontra o novo concorrente, o já lido famoso Estoril Praia.

De como a fantasia não chega à realidade do jogo

Qualquer *team* tem uma determinada medida ao seu alcance, mas compreende-se perfeitamente que não consiga dar, em todos os encontros, essa medida de jogo. Porquanto numa partida de futebol intervêm muitos factores, bastando afirmar que a má disposição de uma unidade se vai repercutir em lódas as outras. E também a sorte. E ainda tantas coisas inesperadas. Enfim, chamá-se a isto *tarde de pouca vocação de jogo*. Foi numa dessas ocasiões que se encontrou o Sporting, no domingo passado, no Lumiar, durante hora e meia, não tendo conseguido *clareza de association*, antes apresentando um futebol confuso, à base da bola no ar e da energia desordenada, apesar do resultado favorável de 2-0 no primeiro tempo.

Temos o convencimento de que os *teams* quando em campo também sentem a disposição em que se encontram. Sintam, ou não, não há dúvida que, na má feição das coisas, os grupos, mesmo que mais fortes, devem

pôr especiais cuidados no capítulo da defesa. Pois em semelhantes circunstâncias é sabido e certo que um *goal* a favor do inimigo, além de empane à vista, preocupação suficiente para tirar a ideia de facilidade, representa a valorização do adversário.

Com o empate sempre à vista (desperdiçado um *penalty* pelo Sporting!), a Cuf evoluiu no Lumiar com perfeição, num apuramento de facilidades que lhe fez suplantar o seu adversário, e num nível de jogo tanto mais para destacar quanto é certo que o *team* se apresentava remendado.

A Cuf foi bem melhor no jogo de triangulação, e em imagem de velocidade e antecipação, falhando apenas no remate. Gravíssimo defeito, afinal,

Ideia de ataque, em aproveitamento do vento

Um desafio ganha-se e perde-se num golpe ou numa orientação. O Benfica venceu o Estoril, na verdade, porque, ao pôr os pés no campo do Amoreira, levou consigo a *ideia fixa do ataque* em aproveitamento do factor vento que, como se sabe, não é elemento que se desperdice.

Tendo introduzido alterações na linha dianteira, o Benfica continua a dispôr de um ataque hábil, ágil, rápido e eficiente. Esse ataque caiu sobre a defesa do Estoril em peso, com magnífica rapidez em lódas as suas combinações, construindo o resultado. Ao quarto de hora, o problema estava resolvido. A orientação de ataque, coadjuvada pelo vento, havia dado esplendidos frutos.

O desafio não findou logo. Daí por diante jogou-se, é certo. Havendo mesmo oportunidade de

OS JOGOS DA II DIVISÃO DA A. F. L.

NO último domingo ficou concluída a sétima jornada do campeonato da II Divisão da A. F. L. Isto quer dizer que os oito clubes que concorrem à prova estão em meio da difícil tarefa que constitui a conquista do almejado título. A primeira metade da competição decorreu com apreciável interesse e teve fecho excelente. Com efeito, o programa oferecia quatro encontros, à roda dos quais havia justificada expectativa. A melhoria evidenciada pelo Fozosforos, Casa Pia e Olivais, nas suas últimas partidas, deixava prever que o F. Benfica e o Operário — estes principalmente — iam ter encontro difícil. E assim foi, de facto.

As lutas do cabo verificou-se que voltou a haver dois clubes empanados para o primeiro lugar; que o Fozosforos se alcaudorou no terceiro posto; que o Operário baixou para o quarto lugar, ficando em igualdade com o S. L. Olivais; e que o Casa Pia se distanciou do último classificado para se aproximar — e bem — do antepenúltimo.

Eis como ficou a classificação: 1.º F. Benfica, com 18 pontos; 2.º Fozosforos, com 16; 3.º Operário e S. L. Olivais, com 15; 4.º Sacavenense, com 12; 5.º Casa Pia A. C., com 11; 6.º Marvilense, com 7 pontos.

Uma coincidência, na jornada de encerramento da primeira volta do torneio marcaram-se tantos *goals* quantos os que se registaram no 1.º dia da prova. Successivamente: 18, 31, 10, 13, 14, 19 e 18 — num total de 123 *goals*, ou seja a média de 17,57 por jornada.

Os encontros do último domingo tiveram os seguintes resultados:

Operário-Fozosforos.....	1-4
F. Benfica-Casa Pia A. C.....	3-3
Marvilense-Olivais.....	1-3
Chelas-Sacavenense.....	2-1

Temos, portanto; duas vitórias dos visitantes, uma de um visitado e um empate.

O Fozosforos foi sempre melhor do que o adversário e mereceu, por isso, o triunfo, que no entanto podia ser menos expressivo. Não porque os visitantes não soubessem justificar a marcação de quatro *goals*... O Operário é que não teve avançados decididos e jogou sobre a defesa, preocupado, talvez, com a ausência do guarda-redes titular. À velocidade que os jogadores do Fozosforos imprimiram ao jogo esteve na razão directa do seu triunfo.

O Futebol Benfica consentiu um empate. O resultado pode surpreender. Todavia, talvez a confiança dos benfiquenses, aliada à melhoria dos casapienses, chegue para justificar o resultado. A luta teve agrado, travada sobretudo entre as formações dianteiras das duas equipas. Marcaram-se seis tentos — e isso é conclusivo...

O Marvilense perdeu, mas desta vez o resultado foi menos expressivo. É certo que jogou no seu campo e que defrontou um adversário que, jogando fora de casa, parece valer menos. Insistimos em supor que os marvilenses estão a atravessar uma crise que é mais moral do que de recursos.

O Chelas fez menos do que poderia esperar-se, tendo em vista que o Sacavenense tem sido menos ameaçador de jornada para jornada. Parece, no entanto, que no domingo os sacavenenses (sem campo) foram bons adversários. Jogaram com vontade — e isso deve ter surpreendido os chelenses.

ZÉ DO PEÃO

(Continua na pag. 15)

«Opiniões do meu amigo Fabrício»

de Armando Gonçalves

E DITADO pela Livraria Fernando Machado, do Porto, e com uma tope em que se reproduz o «Nadador», de Rodin, que foi um dos mestres da escultura francesa, recebeu o último livro de Armando Gonçalves, sob o título de «Opiniões do meu amigo Fabrício», crônicas acerca da Educação Física e dos Desportos. O autor presidiu já a Associação de Natação do Porto e ao Grupo de Propaganda de Natação da mesma cidade. E julgamos que é ainda instrutor da «ju-jitsu», luta japonesa, na Polícia de Segurança Pública, do Porto. É portanto pessoa ligada à propaganda dos desportos. As crônicas que constituem o livro em análise, publicadas há tempos no «Primeiro de Janeiro», não podiam deixar de versar esses problemas.

«Fabrício» é por certo um símbolo criado pelo autor, talvez com a preocupação de atribuir a um filósofo amigo as opiniões próprias. Opiniões de um, ou de outro, a verdade é que o livro engloba uma série de comentários de propaganda para a Educação Física e para os desportos em geral, ainda que trate especialmente das modalidades que podem ser da simpatia do autor, ou de «ju-jitsu» — natação, ciclismo, remo, luta, fôlego de pau e «ju-jitsu». Insere também boa propaganda da ginástica, do atletismo e do campeonato. É, pois, regularmente completo, na variedade de assuntos que aborda.

O trabalho do sr. Armando Gonçalves, pelas opiniões nele expostas, incide da preferência no desporto praticado apenas como exercício físico, sem prejuízo da cultura intelectual do indivíduo que o cultiva. Os espetáculos de desporto, que o autor simboliza em um desafio de futebol e nos combates de «box» e luta, merecem alguns comentários de crítica suggestiva. Há também palavras de crítica áspera para o «chiquês», a combinação dolorosa, no desporto profissional. E dedicam-se duas crônicas a um dos grandes problemas do Porto desportivo — a construção de uma piscina.

Nem tidas as opiniões expostas concordam com as nossas pontos de vista, como acontece, por exemplo, no caso da desfeita construção de uma piscina no Porto. Mas já opiniões curiosas sobre desporto, algumas delas defendidas com apreciação poder de observação e síntese. E a livro é, por isso, no conjunto, de tidas as páginas, um reflexo do «Stadium» uma entrevista por todos os títulos notável, na qual se refere sobretudo às suas recordações pessoais e a factos palpantes a que assistiu.

Dado a elevada categoria do nosso ilustre entrevistado e bem assim a sua gentileza para com a nossa revista, chamamos a atenção dos leitores para o próximo número da «Stadium», no qual será publicada a entrevista em referência.

M. de O.

Barão Henri de ROTSCILD

Mercê de emabilidade que muito nos cativou, o sr. Barão Henri de Rotschild, célebre financeiro francês, notável homem de letras e desportista de grande renome, concedeu a um redactor da «Stadium» uma entrevista por todos os títulos notável, na qual se refere sobretudo às suas recordações pessoais e a factos palpantes a que assistiu.

Dado a elevada categoria do nosso ilustre entrevistado e bem assim a sua gentileza para com a nossa revista, chamamos a atenção dos leitores para o próximo número da «Stadium», no qual será publicada a entrevista em referência.

Acontecimentos da semana

ATLETISMO — Novo torneio promovido pelo Benfica. Vencedores: Eurico Dias, 200 metros em 32" s. 5/10; Henrique Oliveira, 700 metros em 1 m. 56" s. 2/10; Fernando Gaspar, 2.000 metros em 6 m. 43" s. 5/10; Dóres Pinto, 83 metros barreiras em 13" s. 10/10; Alvaro Aires, comprimento em 5" s. 31; Manuel Martins, vara com 2" s. 60; Arnaldo Dutrolo, peso com 10,96; Amadeu Oliveira, dardo com 26" s. 16.

Somente Matos Fernandes, de três atletas benfiquenses que tinham esse objectivo, fez a tentativa para bater o «record» dos 200 metros; a experiência não deu, porém, o resultado que se esperava, pois o tempo ficou aquém do «mínimo» da distância.

CICLISMO — Entre Codiciera, Azenas do Mar, Praia das Maças, Sintira, Louçol, Terrugem e Codiciera, no percurso total de 100 quilómetros, disputou-se uma prova, para amadores, de que saiu vencedor Tavares da Silva, do Lisgás, clube que venceu também por equipas.

ESGRIMA — Procedeu-se à abertura da sala de armas do Hockey C. P., dirigida pelo mestre dr. Herculano Pinheiro, entregando-se, também, as taças «Henrique Santos», «António Bayard» e «Mestre Espalhães», prémios de torneios disputados na última temporada.

FUTEBOL — Na última jornada dos campeonatos da Liga, em Inglaterra, verificaram-se os resultados seguintes: Manchester United — Tranmere Rovers, 6-1; Blackpool — Southport, 2-4; Liverpool — Everton, 2-0; Sunderland — Hartlepool, 6-2; Reading — Brighton, 3-3; Tottenham — Luton, 9-1; West Ham — Arsenal, 3-0; Brentford — Queens Park, 5-1.

GIMNÁSTICA — Abriram as classes no Gimnásio Clube Português, registando-se boa frequência de alunos. Assistiram à cerimónia os inspectores dos desportos drs. Salazar Carreira e Alais Boto.

HANDBALL — A primeira jornada do torneio de abertura da nova temporada da modalidade, forneceu os resultados seguintes: Estoril Praia — Belenenses, 6-5; Benfica — Internacional, 5-2; Sporting — Marvilense, 11-2. Em segundas: Belenenses, 7-3; Benfica, 11-2; Sporting, 9-4.

HOCKEY EM PATINS — Começou a disputar-se o torneio da «Liga de Honra» (1944). Na primeira jornada verificaram-se os resultados seguintes, Futebol

O festival de encerramento

Um «grito de alarme»... — O novo «record» de Jeremias Simão — Os «nadadores completos» de 1944 — Excelente fecho da época

A época de natação, fechada na data mais aconselhavel — 15 de Outubro, terminou com o já tradicional «Festival de Encerramento».

É grato sublinhar que se registaram proezas individuais de muito mérito, a ficarem como feitos que definem, por si só, uma época, e caracterizam eloquentemente o momento actual da natação portuguesa: a existência de uma pleiade de jovens elementos de ambos os sexos que, bem orientados, podem permitir, em futuro de certo modo próximo, a constituição de uma equipa nacional de conjunto equilibrado, homogénea, sem ter de «viver» apenas do esforço isolado e múltiplo de um ou dois atletas.

Neste ano de graça de 1944 bateu-se apenas um «record» nacional absoluto: o dos 100 metros-costas, senhoras. Coube essa honra à gentil belenense Ana Deniz Linheiro, nadadora da categoria de principiantes. Assim se confirma o que escrevemos em Janeiro, a seu respeito, quando do «Torneio de Inverno». O «tempo» sofreu baixa sensível: passou de 1 m. e 34 s. para 1 m. e 31 s., ao cabo de cinco anos, sendo o primeiro «record» de Maria Górrinho que é batido.

Para simples referência, digamos, por exemplo, que Silva Marques foi «recordman» de Portugal, há dez anos, com 1 m. e 27 s.

Ana Linheiro é pois uma bela promessa — que há que saber aproveitar. Devem pôr-se de parte os sentimentos clubistas e pensar-se que a jovem e valorosa nadadora necessita de preparação ginástica adequada ao desporto que pratica, de regular e metódica preparação durante o inverno — e sobretudo de assistência técnica, pois nela há ainda, tecnicamente, muito que desbravar, permita-se-nos a liberdade da expressão. Em boas condições de trabalho, Ana Linheiro pode ser algo de grande na natação.

Aqui fica, com a melhor intenção, esta espécie de «grito de alarme» — idêntico a outro lançado, nestas mesmas colunas, há sete anos, por um prezado camarada nosso, aécera de Baptista Pereira — mas que de nada serviu...

Jeremias Simão, chegado há meses dos Açores, ainda «em bruto» (que nos perdõem os puristas...), conseguiu agora, mercê de preparação técnica inteligentemente orientada, baixar o seu «record» de 100 metros-livres, principiantes, para 1 m. e 9,5 s. Mais ainda do que o tempo obtido, satisfiz-nos a forma como o nadador correu a prova. Está neste jovem nadador um campeão — e a marca inconfundível de um treinador que tem feito campeões.

Na mesma prova devemos ainda fazer referências ao resultado alcançado por Manuel Moais — 1 m. 12,6 s.

Os tempos máximos fixados para a prova «nadador completo», vistos isoladamente, parecem fáceis de obter — e são-no, de facto. Para o mesmo nadador, porém, conseguiu-os nos três estilos dentro da bitola estipulada — é bastante difícil...

Nas épocas anteriores, apenas Azinhal dos Santos, com invulgarer qualidades de adaptação, e Fernando Leal, que conseguiu também resultados equilibrados, obtiveram o interessante título. Homens como Osear Cabral e Mira Gomes saíram derrotados.

Pois este ano tivemos dois «nadadores completos». Um, Artur Mendes da Silva, que tem revelado ultimamente excepcionais qualidades para o «multistilo» clássico, a tal ponto que ousamos mesmo dizer não nos admirar vê-lo suceder amanhã a seu irmão Julio, dentro da especialidade. O outro, Luiz Lopes da Conceição, veio a Lisboa conquistar um título que lhe assenta admiravelmente e revelar, mais uma vez, as suas grandes possibilidades.

E dizemos «veiu a Lisboa» porque, segundo nos declaram, nunca pensou em «sair» de Coimbra... Sempre há cá «boateiro»...

O festival de encerramento caracterizou-se, como já acentuámos, por certo conjunto de bons resultados, que gostosamente assinalamos, mas que, devido ao seu elevado número, não podemos apreciar em pormenor.

Por exemplo: o tempo conseguido pelo iniciado Nuno Barreto, nos 100 metros-costas, de 1 m. 25,7 s.; o de Guilherme Patrone, nos 100 metros-livres, para a mesma categoria, em 1 m. 11,5 s.; as provas de Eduardo Câmara e Sousa e Armando Pereira Marques, nos 100 metros-brucos, principiantes; e o estabelecimento do «record» dos 100 metros-livres, iniciados, que Lucília Angeja averbou com 1 m. e 33 s.

Pode andar-se muitos anos a ver provas que se encontra sempre motivos de beleza na luta desportiva. A estafeta 7x33 metros-livres, com que fechou o festival, foi caracterizada, de princípio a fim, uma prova empolgante. Em qualquer caso, consideramos a equipa do Estoril superior. Embora as outras unidades se equivalêssem, no elenco da Costa do Sol havia um Mira Gomes — que naquelas condições dá melhor rendimento — e um Simão. De qualquer forma, o Algés perdia. Mas talvez tivesse podido perder por menos diferença... Quanto a nós, os seus nadadores não correram pela melhor ordem. Um Canelas, sem temperamento de lutador, nunca devia ser o último elemento da estafeta.

Acima de tudo, a prova ficou como belo espectáculo, pela luta travada e pela emoção que acarretou aos que vivem e sentem o desporto em toda a sua beleza.

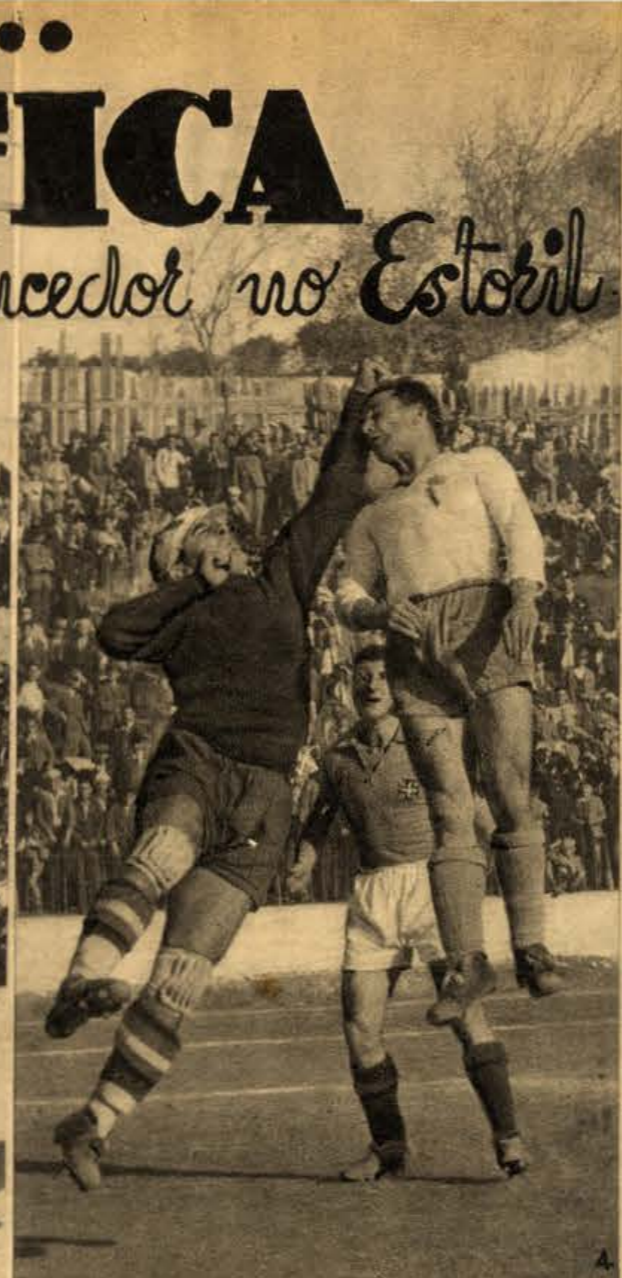
ABREU TÓRRES

«FLECHA» — a melhor bicicleta

Um acontecimento...

O BENFICA

foi o primeiro vencedor no Estoril



3
BENFICA-ESTORIL: 1—À entrada do estorilense foi inútil. A bola acabou por cair de Pires e de Teixeira... 2—Pereira corta uma fuga de Julinho. Alberto não chegou a ter de intervir. 3—Pires, em luta com as defesas do Estoril, desvia de cabeça a intercepção de um deles. ATLETICO-BELENENSES: 4—Esforzado salto de Acácio para arrebatar a bola a Micael, sob as vistas de Serafim; 5—Eloi e Carlos Ferreira disputam a bola a Lopes e Gregório; 6—Um mergulho «marca» Acácio. Vasco corre a protegê-lo. SPORTING-CUF: 7—defesa de Azevedo a um ataque de Carneiro, este já acossado por M. Marques; 8—O perigoso toque de Peyroteo é desviado de cabeça por Alves, tomando inútil a saída de Amílcar e a tentativa de Gomes da Costa



RUGBY

Vamos aprender como se joga?

VI — O jogo dos avançados (continuação)

Notas técnicas pelo dr. SALAZAR CARREIRA

O treino do grupo avançado deve insistir sempre na maneira de organizar a formação, levando a uma prática tal da manobra que ela possa ser executada muito rapidamente, sem prejuízo da boa ordem. Quando as condições de jogo obrigam a formar, aquêle dos dois grupos avançados antagonistas que primeiro se compõe leva já uma vantagem apreciável, pois obriga o outro a aceitar a posição por ele escolhida.

Uma vez a formação organizada, todos devem empurrar com o máximo da sua força, mantendo as espáduas e o dorso bem horizontais, para que todo o esforço seja aproveitado em direcção útil; o facto da bola se encontrar já em poder dos contrários não é razão para terminar o esforço impulsivo mas, pelo contrário, motivo para empurrar ainda com maior energia, na esperança de levar de vencida o grupo oposto, impedindo com o seu recuo a saída da bola.

O trabalho que, por assim dizer, é a causa primária do esforço despendido na formação, é a talonagem: «talonar» consiste em colher com os pés a bola que o médio lançou para o centro da formação e fazê-la sair, por toques sucessivos, pelo lado de trás da terceira linha.

O homem a quem compete a iniciativa deste trabalho é o centro da primeira linha, por esta razão designado talonador, aliás termo que, embora consagrado, é impróprio, pois tal acto não se executa com o calcanhar, como da sua etimologia francesa se poderia deprender.

A marcha da bola, para sair da formação, deve ser a seguinte: o talonador delicia a apanhá-la com o pé oposto ao lado por onde

ela entrou, ou com os dois pés, suspendendo-se para isso nos ombros dos pilares. Se consegue seu intento, dirige a bola directamente para trás, empurrando-a com a sola do pé, e não com o calcanhar, para o meio dos dois homens da segunda linha, os quais, pelo mesmo processo, a transmitem ao centro da terceira — que, por sua vez, completa a manobra empurrando a bola com cuidado, de maneira a sair com moderado andamento, não rolando mais de um a dois metros pelo solo.

Tudo isto, muito simples no papel, apresenta na prática sérias dificuldades e convém ser feito com destreza e prontidão. Nos grupos portugueses raramente se verifica boa saída da bola, porque os componentes da segunda e terceira linhas lhe impedem em regra a passagem, quando não levam a generosidade ao ponto de a devolver ao adversário com um despropositado pontapé para a frente.

Um homem com a barba por fazer

Que feio! Não pouco elegante! Diremos até: não agrada a ninguém e dá a impressão de pouco assado. Mas quantas vezes o motivo é a pele, que não admite a lamina senão de dias a dias: um martírio!

Pois bem: faça a barba e aplique Glycol — o ideal da pele — só Glycol, e verá como obtém resultados maravilhosos e pode barbear-se todos os dias.

A venda nas principais casas da especialidade e boas farmácias.

Deposítários gerais: Ventura d'Almeida & Pena, rua do Guarda-Mór, 20, 3.º, esq. (a Santos), Lisboa.

Enviamos amostras contra \$480 em selos do correio, nome e morada.

PARA que as colectividades desportivas sin-grem e triunfem, é necessário, realmente, administração cuidada e a amizade, quanto mais duradoura mais firme, dos seus admiradores. É certo que os sócios ajudam — mas sem a dedicação dos dirigentes e atletas nada se conseguirá.

Por outro lado, há duas qualidades de directores desportivos: a dos que aparecem em todos os lados e figuram em todas as reuniões públicas, com o pregão de seus nomes nas gazetas, e a dos coladores anónimos, operários quasi ignorados de uma obra que muito ajudaram a construir.

Sucede isso em todos os sectores da vida desportiva: e os clubes, mercê de tais dedicações, lá vão caminhando quanto podem.

O Belenense é uma actividade baírrista, que nasceu e vive em Belém, mas que pertence a Portugal inteiro.

E agora, que o clube cumpriu um quarto de século de actividade, festejando a carácter as suas «Bodas de Prata», convinha ouvir alguém que fosse, a bem dizer, o «animador» de tais comemorações. Não é difícil a escolha... Acácio Rosa merece-a. Porque pertence ao número dos dirigentes anónimos — para quem o público ainda não reparou como devia — e por ser um belenense de alma e coração, trabalhador infatigável e denodado a favor da «sua» colectividade.

A acção de Acácio Rosa está espalhada por diversas associações dos desportos que se convencionou apelar de pobres — e, nesse aspecto, ele tem sido dos mais firmes propagandistas do Belenense. Dirige seis secções técnicas de modalidades menos favorecidas do do público e de todas elas cuida com igual dedicação, sem mostras de fadiga ou de aborrecimento. É também o editor do boletim do Belenense.

À primeira pergunta, sobre as festas, Acácio Rosa respondeu:

— Decorreram belamente, como ambicionávamos. Foi pena que não se dedicasse um

Quando a STADIUM pergunta...



Acácio Rosa

fala-nos das «Bodas de Prata» do Belenense e das necessidades de maior expansão das actividades do clube

dia ao «basketball», porque independentemente de ser o meu desporto favorito, tem, no clube, uma situação de evidência comprovada.

Hoje, o Belenense possui actividade desportiva em nada inferior, apreciada globalmente, a qualquer outro clube. Creio que a estabelecer-se uma classificação talvez lhe atribuissem o grau de «melhor no conjunto».

Acácio Rosa está bem dentro do assunto. Por isso o escutam com atenção; e ele prossegue, entusiasmado:

— A's actividades do clube interessa especialmente a expansão, o desenvolvimento e o aperfeiçoamento. Note que convidámos as melhores equipas para participarem das nossas festas. Interessa-nos, sobretudo, a propaganda dos desportos: de aí as deslocações de belenenses para todo o País, em «basket» e «handball», e a organização de umas quantas provas. Creio que, nesse aspecto, as nossas comemorações foram bastante elucidativas... É, com efeito, a vontade própria de todos os belenenses: valor e vitalidade, com afirmações públicas através da demonstração prática.

«O clube caminha, presentemente, em marcha acelerada para um porvir melhor, para posição de muito mais valia. Depois do nosso campo — e digo «nosso» porque nada devemos — há a necessidade de procurar outras «aventuras», como se lhe chamava, que deem

Em perfeito rigor de colaboração entre os avançados, a bola não deve precisar dos serviços de tantos pés para sair da formação, pois os dois homens da segunda linha e o centro da terceira colocam-se de forma a estabelecer um corredor central, livre de obstáculos, por onde a bola passará, seguindo directamente dos pés do talonador para as mãos do médio da formação.

Assim que a bola se libertou do bloco formado pelos avançados, estes recuperam a sua liberdade e entram imediatamente nas acções conjuntas da equipa, onde desempenham funções que obrigam a permanente actividade.

Cooperando em todas as manobras de ataque, é contido na defensiva e jogo aberto que mais freqüentemente intervêm.

Em qualquer ofensiva dos avançados contrários, compete aos avançados opôr a sua própria intervenção; «dribbling», ataques por passos curtos, formações abertas, são outras tantas circunstâncias em que os avançados encontram oportunidade para agir.

Como tanta vez temos afirmado, devem actuar sempre grupados, para que o façam com eficácia. Contra oito adversários obedecendo a este princípio, a intervenção dos avançados dispersos é fatalmente improfeua e destinada a choques perigosos.

Por outro lado, a intervenção grupada não significa desordem; muitos avançados prejudicam a sua equipa, em ocasiões favoráveis, disputando a bola com os pés, ao acaso, em permanente confusão, tirando todo o encanto ao jogo e todas as probabilidades de êxito aos seus companheiros.

O avançado é, no grupo, a chave do jogo a desenvolver; com maus avançados é impossível produzir alguma coisa de geito e fica-se sempre à mercê da iniciativa contrária.

Os avançados necessitam de freqüente e intenso treino conjunto, por forma que ao entram no terreno tragam perfeito conhecimento da sua missão e se entendem na mais completa harmonia.

ao clube e ao desporto nacional novos serviços, e, principalmente, boas instalações desportivas. Somos cerca de seis mil sócios — mas este número, já de si interessante, não representa ainda o número de belenenses de que o Belenense precisa...

Inquirimos de novo: — Quere dizer, então, que estão animados dos mais firmes propósitos de expansão?

Resposta pronta: — Mas evidentemente! O Belenense é grande — mas quer e há-de ser muito maior ainda.

«A Imprensa acumulou-nos de carinho e de simpatia, agora e sempre: devemos algo e não fica mal fazer esta confissão pública. Contamos com o seu auxilio — sempre preciso e precioso.

Numa expansão de fé, em que pôs todo o seu coração, Acácio Rosa, belenense cem por cento, rematou assim a palestra:

— Peço-lhe que chame a atenção de todos os amigos, sócios ou não sócios, para que não deixem de amar a bandeira do clube e zelar pelas suas prosperidades vindouras.

«Todos nós, rapazes de Belém e de Portugal, queremos que em 23 de Setembro de 1969 os nossos filhos nos bendigam — como nós bendizemos os belenenses de 1919...»

Fica feita a vontade do dedicado dirigente dos «azuis». Oxalá que o seu apêlo seja correspondido, porque bem o merece.

JORGE MONTEIRO

UMA semana depois de se terem exibido nos «courts» da Parada, em Cascais, Romanoni, Luis Carles, Bartroli, Olózaga, Szawost, Fleischner e Maria Josefa Riba jogaram no Estoril, num torneio cuja organização revela a excelente visão dos dirigentes da modalidade.

Com efeito, os citados jogadores haviam afirmado tão exuberantemente o seu valor nos «Campeonatos Internacionais», que nunca poderia ser um fracasso novo certame «feito» para eles. Dois factos, pelo menos, justificam em absoluto a efectivação do «Torneio Internacional do Outono», organizado pela Federação Portuguesa de Ténis com a colaboração do Clube de Ténis do Estoril: a continuação do proveitoso contacto com elementos de boa classe que se proporcionou aos nossos jogadores e o ensejo de confrontar as possibilidades evidenciadas pelos mesmos.

O público assim o compreendeu e, atraído por estas duas circunstâncias, apresentou-se nos «courts» do Estoril em elevado número, mormente na jornada das finais.

As quatro provas disputadas tiveram os seguintes vencedores:

Singulares-homens — F. Romanoni.
Singulares-senhoras — Maria Josefa de Riba.
Pares-homens — F. Romanoni e Luis Carles.
Pares-mistos — Maria Josefa de Riba e F. Romanoni.

O leitor reparou já, certamente, que os vencedores do Estoril são os mesmos de Cascais,

Boletim do Sporting

Recebemos o segundo número da nova série do Boletim do Sporting Clube de Portugal, que se apresenta com bom aspecto gráfico e insere alguns curiosos artigos sobre a actividade do popular clube dos «leões», entre os quais se salienta a descrição das novas instalações atléticas, projectadas para próxima construção no Lumiar e da autoria do sr. engenheiro Travassos Valdez.

No «Torneio do Outono»

os jogadores estrangeiros confirmaram a sua classe

havendo ainda a acrescentar a circunstância de se terem repetido duas finais (a de singulares-senhoras e a de pares-homens).

Quere dizer: como confirmação de valores não se poderia exigir melhor. Em face desta repetição, seríamos forçados a repetir também tudo quanto no número anterior da nossa revista já escrevemos acerca destes valorosos jogadores que nos visitaram.

Falemos, portanto, dos portugueses. Alargada a inscrição, nem por isso maior número dos nossos jogadores procurou deffrontar os estrangeiros. Desta vez os «beneficiados» foram Azevedo Gomes, Henrique Cunha e Marquês de Mendia, que nos oitavos de final tiveram por adversários, respectivamente, Luis Carles, F. Olózaga e F. Romanoni. Claro que todos os portugueses perderam em duas partidas, mas o primeiro e o último obtiveram resultados honrosos. H. Cunha, sobretudo, excedeu toda a expectativa.

Nos quartos de final, José da Silva deffrontou Jaime Bartroli e portou-se brilhantemente, obrigando o espanhol a três «sets».

Na meia final, José Roquete jogou contra Olózaga e forçou o adversário a 3.^a partida. A tanto se resumiu o contacto de portugueses contra estrangeiros, claro, em singulares-homens.

Dos restantes jogadores nacionais, podem salientar-se Joaquim Leitão e Júlio Bastos.

Em pares-homens evitou-se colocar um português ao lado de um estrangeiro. Viram-se, assim, Serra e Moura e Manuel da Silva e, de-

pois, J. Roquete-J. Silva contra Bartroli e Olózaga; Azevedo Gomes-J. N. Santos contra Szawost-Fleischner; Júlio Bastos e M. Vinhas contra Romanoni e Luis Carles.

Como é natural, José Roquete e José Silva formaram o duo mais em evidência, tão em evidência que estiveram prestes a passar à final. A luta contra Bartroli-Olózaga foi de entusiasmo — 6/3, 5/7 e 4/6 contra os nossos campeões.

Maria Josefa de Riba e Gabriela Cantharino voltaram a ser finalistas em singulares-senhoras. A nossa melhor jogadora, ou porque estivesse nos seus «courts» preferidos ou porque conhecesse melhor o jogo da adversária, foi desta vez uma «tennista» mais à altura da campeã de Espanha. E com um pouco mais de sorte — a sorte também é precisa! — poderia, até, ter alcançado melhor resultado. O que não oferece dúvidas é que Gabriela Cantharino pôde, agora, dar medida mais exacta das suas excelentes possibilidades.

A prova de «mistos» foi particularmente animada. As duas meias finais decidiram-se em 3 partidas; a que mais interessou foi a que colocou frente a frente Gabriela-Szawost e Mrs. Flint-José da Silva. Venceu o último «par» por uma vantagem de 2 jogos em 28 disputados, o que proporcionou uma final diferente da de Cascais.

O segundo «set» da final chegou a 13/11. Só este facto diz bem da emoção que a luta teve, toda ela devida ao trabalho de José da Silva.

DRIVE

PROBLEMAS DO PUGILISMO

A renumeração dos cargos directivos do «boxe»

A Comissão de Pugilismo do Estado de Nova York — o organismo ditador menos flexível e mais discutido dos E. U. A. — compreende pela primeira vez um indivíduo de cor entre os seus membros.

Trata-se do dr. Cilian Powell, que é médico radiologista, editor de um jornal importante, director da companhia de seguros, reservada a negros, mais conceituada na América, etc. etc. Basta para se ver que é pessoa influente, talentosa e notável.

A escolha deste personagem parece haver obedecido mais a razões de gratidão que aos ateados de competência revelados. Diz-se que o presente governador do estado procurou distingui-lo, retribuindo, assim, os bons serviços prestados pelo dr. Powell durante a campanha eleitoral que o conduziu ao poder.

Não é a primeira vez, nem decerto a última, que os membros da Comissão de Pugilismo são nomeados por favor político, mas, desta feita, parece-nos não haver injustiça, por se conciliarem duas circunstâncias raramente conjugáveis: a competência pessoal e a conveniência partidária.

Mesmo que as acções de propaganda exercidas junto dos pretos de Harlem tenham sido de grande e notável envergadura, isso não explica, por si só, o acertado da escolha. Deve-se salientar que o «mercado» pugilístico noviorquino compõe-se de perto de 70 % de indivíduos de cor e a designação de um membro disposto a lutar pelos seus interesses e reivindicações era acto de boa política.

A título informativo diremos que o cargo tem a duração de 3 anos e é remunerado. A Comissão, constituída por 4 membros, um dos quais funciona como presidente e tem maior autoridade, reúne-se duas vezes por semana e

orienta ditatorialmente o pugilismo e a luta no Estado de Nova York.

A experiência, de largos anos, convenceu os poderes estaduais de que o processo mais económico e mais justo de obter autoridade e continuidade na gerência daquêles dois desportos consiste na justeza da escolha — e na renumeração dos serviços. Desta maneira, os membros da Comissão adquirem a categoria de funcionários municipais e com ela a autoridade necessária para promulgar a legislação que fôr oportuna, o que, por se tratar de desportos propícios a combinações secretas, se torna indispensável e imperioso.

E bem de ver que, tratando-se de modalidades tipicamente profissionais, carece de justiça solicitar do pessoal dirigente emprêgo de tempo e dispêndio de trabalho — que poderiam utilizar de maneira mais lucrativa — em benefício de pessoas que auferem lucros dêsse esforço.

E' estudando que se aprende

Leia o melhor livro de BOXE
 escrito em português e o melhor
 documentário

A. B. C. do pugilismo

de RAFAEL BARRADAS

A venda em todas as livrarias — Edições VIC

Igualmente nos parece justo recompensar a competência que os referidos funcionários forçosamente possuem e que vale, intrinsecamente, tanto como qualquer outra aptidão profissional.

Se no pugilismo e na luta toda a gente é paga pelos serviços que presta — desde os atletas aos médicos, passando pelos empresários, locutores, gerentes dos desportistas, etc. — não se compreende lá muito bem a relutância de estender aos dirigentes o mesmo critério, se eles arrostam às vezes com trabalho e responsabilidades de grande importância.

A maneira como nos Estados Unidos e na Inglaterra, desde há muito tempo, se encarou e resolveu este problema — é desempoeirada e honesta.

A maioria dos nossos fiéis leitores têm conhecimento das dificuldades que surgem em Portugal sempre que se pensa em pôr à frente dos destinos do desporto do «boxe» pessoas competentes e que disponham de tempo para se dedicarem, sem prejuizo material, à árdua tarefa da remodelação total da orgânica do referido desporto.

Evidentemente, tais pessoas existem mas não parecem dispostas a encetar uma empresa difícil e para a qual se lhes exige horas abundantes de trabalho exaustivo, sem a recompensa material que os tempos de hoje — difíceis e árduos — insofismavelmente justificam.

Trabalhar nas condições habituais seria sacrificar, em benefício exclusivo de pessoas interesseiras, como são todas as que vêm para o pugilismo mais pelos lucros pecuniários que pela simples atracção desportiva, uma actividade e outros méritos em officio semeado de escolhos e dissabores. Há, indiscutivelmente, muitos indivíduos ansiosos pela detenção da vara do mando e outros pelo prazer de ocupar a suprema magistratura de qualquer coisa, como seja do «boxe». Simples actos de generosa dedicação — dirá o leitor. Talvez — respondemos-lhe nós — mas dedicação que contrasta de modo flagrante com a ambição e euidéza daqueles a favor de quem se dispensa...



AMAZONAS



DIGA-SE com toda a verdade: há desportos que são incompatíveis com a graciosidade, a gentileza e a fragilidade femininas... A mulher — o ser mais perfeito entre as criaturas, criação transitória entre o homem e o anjo, como a classificou Balzac — é demasiado gentil e delicadamente frágil, figura de Saxe fina e delicada que está longe de poder praticar certas modalidades desportivas.

No entanto, há desportos que lhe assentam como uma luva, passe o plebeísmo, e que ela valoriza ao emprestar-lhes o encanto da sua graciosidade, da sua leveza, harmonia e elegância. Um deles, talvez o primeiro entre todos, é o hipismo. Sobre o selim, elegantes, cabelos ondulados soltos ao vento e rédeas seguras por mãos finas e rosadas, as amazonas encantam pela sua graciosidade, pelo sorriso constante a pairar-lhes nos lábios, de olhos irriquetos, cheios de vida — e dão distinção a um desporto já nobre de natureza e elegante por princípio.

É que a amazona, quer a de 1930, sentada no selim, quer a dos nossos dias, rapariga moderna montando à «califourchon», não perde nenhum dos seus femininos encantos, nenhum dos seus predicados... Cavalgando, correndo pelas pistas, transpondo obstáculos ou em simples e despretençiosos passeios na cidade, a amazona impõe-se sem deixar de ser grácil, elegante, subtil — sem deixar de ser a primeira obra do universo, como diria Lessing...

Tudo isto nos passou pela mente quando assistimos, há dias, em Cascais, à prova «Amazonas», integrada no programa do Concurso Hípico local, animada competição que reuniu sete gentilíssimas senhoras e que alcançou justicadíssimo êxito.

Vimo-las saltitar pela tribuna, alegres, despretençiosas, sem esconder o seu entusiasmo e ansiosas pelo momento de entrarem na pista. Depois vimo-las firmes nas selas, conduzindo as montadas com alegria e com evidente destreza, a transporem os obstáculos, um a um, com inegável correção — dando, em suma, com a sua presença, superior encanto àquela tarde hípica de Cascais.

A elegância da condessa de Schouvaloff, o sorriso franco de Neila de Arriaga, a subtilidade encantadora de Maria Tereza Ivens Ferraz, a gentileza de Helena Fortes, a alegria de Maria Pinto de Azevedo e a simplicidade adorável de Cristina e Leonore Casademont, deram à prova uma faceta de requintada beleza.

A equitação não perde nenhuma das suas qualidades quanto cultivada por senhoras — e as amazonas, praticando-a, não se afastam daquêlê adorável feminismo que tanto encanta e atrai.

A amazona, num curioso paradoxo, é sempre elegante e grácil nesta modalidade desportiva — forte e máscula.

ANTAS TEIXEIRA



Em cima, à esquerda: Helena Fortes, no "Beduino", e Maria Pinto de Andrade, no "Congo". À direita, de alto a baixo: Condessa de Schouvaloff, no "Zelante"; Neila Arriaga, no "Unico"; e Leonore Casademont, no "Vigoroso". Em baixo, à esquerda: Maria Teresa Ivens Ferraz, no "Damão"

A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



A MARCA QUE EU VOU USAR EM CHAPÉUS E BONÉS

Chaves de todas as modalidades

Perdeu-as? Partiram-se? Roubaram-lhas? — mande fazer outras na **CASA DAS CHAVES** de Amadeu Gomes da Fonseca

R. da Mouraria, 3. (Frente ao Cinema) Tel. 28050

1 — EM COIMBRA: O director geral de Desportos assiste ao torneio de "ténis" do Outono, acompanhado do dr. José Alberto dos Reis e de outras individualidades. 2 — COMITÉ OLÍMPICO: O C. O. P. apresentou há dias cumprimentos ao sr. ministro da Educação Nacional. Na fotografia, o dr. José Pontes abraça o dr. Castro da Mata. 3 — TÊNIS NO SPORTING: O grupo das gentis concorrentes ao torneio inter-aféios. 4 — HANDBALL: Uma fase do jogo Sporting-Marvilense, no «Torneio de Abertura». 5 — NO HOCKEY CLUBE: A entrega dos prémios disputados nas provas de esgrima efectuadas por esta sala de armas. 6 e 7 — O CURSO DE CICLISTAS ORGANIZADO PELA «STADIUM»: Gil Moreira dá a segunda lição (6) e parte dos alunos que o escutaram (7)

Pelos clubes

INFORMAÇÕES DIVERSAS



Os jogos no Pôrto e na Província

A TÉ o próximo dia 28 o *Athena Comercial de Lisboa* promove uma interessante série de palestras de divulgação, sobre ginástica, «basket», esgrima, medicina desportiva, boxe, luta, «volley» e patinagem, que se revestem de enorme interesse.

O *Hockey Clube de Portugal* tem aberta a inscrição para os sócios que desejem representá-lo em «hockey» em campo, «volley», futebol amador e esgrima.

O *Clube de Futebol «Os Belenenses»* abriu a inscrição para os sócios e simpatizantes que queiram representar o clube em futebol, na categoria de juniores.

A secretaria do *Sport Lisboa e Benfica* está também aberta a inscrição para a prática de «tennis» de mesa.

— Estão em plena actividade no *Clube Internacional de Futebol* as secções de «tennis» de mesa, «basket», futebol, «handball», atletismo, «volley» e «tennis», trabalhando-se no sentido de fazer ressurgir a de «hockey» em campo. As aulas de ginástica, sob a direcção do professor José Nóbrega Gusões, funcionam como segue: para a secção de atletismo, às terças e quintas, das 19-30 às 22-30, e às sextas, das 18-30 às 19-30 horas; para a secção de «volley», às terças e quintas, das 22 às 25 horas; e para a secção de «basket», às quartas e sextas, também das 22 às 25 horas.

O *Lisboa Club Rio de Janeiro* abriu a inscrição para os sócios que desejem representá-lo em futebol, «basket», pugilismo, «tennis» de mesa e ciclismo amador.

— As classes de ginástica do *Centro de Educação Física*, dirigidas por Mestre Ermelindo Santos, encontram-se já em plena actividade. As inscrições podem ser feitas, todos os dias úteis, na rua Nova da Trindade, 20, das 18-30 às 20 horas.

Cartões de livre trânsito

Tiveram a gentileza de nos enviar cartões de livre-trânsito para os seus campos atléticos os seguintes clubes:

Clube de Futebol «Os Belenenses», Boavista Futebol Clube, Futebol Clube Barreirense, Marvilense Futebol Clube, Sport Lisboa e Olivais, Operário Futebol Clube e União Píadae Futebol Clube.

Também a Associação de Futebol de Viseu leve a amabilidade de nos remeter idêntico bilhete para os campos sob a sua jurisdição.

A todos, os nossos agradecimentos.

NO CAMPEONATO DE LISBOA

(Continuação da página 6)

gati em qualquer das balizas. Praticamente, porém, tudo acabara a defender do Estoril, recompunha-se aos poucos, daí derivando o próprio jogo de ataque, mas esse encontrou pela frente, sempre e sempre, uma linha medular que não se deixa bater com facilidade. Os médios benfiquenses chegaram para cobrir as lacunas da defesa, sobrando-lhes ainda tempo para impôr a sua vontade.

Quando o Estoril procurou aproveitar, por sua vez, a vantagem do vento, não encontrou nessa altura um adversário desprezado mas um *team* adextrado nesta espécie de lutas, e com uma linha média que tão bem sabe cerrar fileiras como abrir o jogo. Verdade seja, o melhor período do Estoril não foi o do aproveitamento do vento, mas aquele que se seguiu à fase de começo, de acatuada vantagem do Benfica. E atendeu a Lourenço, extremo-direito do Estoril, um valor que chega para o futebol português.

O mérito de uma defesa sólida

Quanto mais uma equipa quer — às vezes menos faz, involuntavelmente, a ideia de que é *imparável* vencer infiltra-se no ánimo dos jogadores que, desejando forças a lutar, no fito dos *goals*, perdem a facilidade de domínio da bola, sacrificando ao mobil prático a boa conjugação de esforços. Ora o Atlético precisava do triunfo sobre os Belenenses como a água e precisa do deserto. Daí o seu empenho na luta e o sacrifício generoso de todas as suas unidades, que sobram, sem dúvida, lutar, apesar de não atingirem o fim em vista.

A linha medular subiu de tom, e ainda com algumas imperfeições já conseguiu o nível de jogo que a tornou destacada. Pode dizer-se que todo o encontro se penceu da sua actuação, por aquilo que o Atlético fez e pelo que o Belenenses deixou de fazer.

De resto, o Belenenses, adversário difícil para qualquer grupo, afigura-se-nos ainda mais difícil para o Atlético, *team* que não revela forte estrutura física. Ora a defesa de Belém é qualquer coisa parecida com uma rocha; e a linha média também se apresenta forte e sólida. Resulta daqui que, contra este bloco, se deverá fazer um *jogo de subtilidades*, o contrário do corpo-a-corpo de todo o momento. No período final, quando, provavelmente, o Atlético necessitaria de fazer o último chamamento às suas energias, o *team* estava como que amaciado. Justificava-se.

De parte a parte — todos os jogadores puseram em campo entusiasmo clubista. Isso chegou. Mas a estreia do jovem Carlos Ferreira, a extremo direito, por auspícios

O encontro da 2.^a volta do campeonato regional que punha frente a frente o F. C. do Pôrto e o Salgueiros, era aguardado com certo interesse. De mais, dava-se como provável a aparição de elementos novos nas linhas, e isso é um pormenor que, mais ou menos, chama aos campos uma assistência ávida do insólito.

Mas não sucedeu assim e o encontro perdeu, só por isso, parte daquele interesse.

O resultado de 6-2 foi quasi que obtido na 2.^a parte, pois o 1.^o tempo chegou com o F. C. do Pôrto a vencer pela tangente 2-1. Luta animosa de ambos os lados, mas com dificuldades por parte dos «azul-brancos». O trio médio, quebrado pelo centro e a continuar no sistema de «marcação estreita», deixou que entre si e o ataque surgisse um «espaço» que os salgueiristas aproveitaram para manobrar contra o quinteto avançado antagonista.

Após o recomeço, os «encarnados» mantiveram luta animosa e sequente, mas a partir dos 18 minutos os de casa iniciaram uma série de investidas que lhes foram benéficas. Então os visitantes cederam e o marcador passou a acumular «goals» para os «azul-brancos».

Não teve ainda o F. C. do Pôrto um resultado negativo, a demonstrar-lhe a deficiência da tática que está seguindo. Mas pode verificar-se, tarde ou cedo.

O Académico não repetiu a proeza de domingo passado. Em casa, cedeu diante do Boavista, por 2-0. É pécha antiga... Uma primeira parte de relativo equilíbrio, jogando com precisão, e depois um 2.^o tempo a resvalar e a deixar que os outros façam o que ele não consegue fazer... O Boavista reeditou a façanha da 1.^a volta, embora menos espectacular. Bom labor das suas linhas e até com bons remates, que iam surpreendendo Santiago.

O Leça havia começado o campeonato com certo favoritismo, em face dos resultados que obteve. Mas, inexplicavelmente, começou a ceder. Na 1.^a volta bateu o seu contrêraneo por 1-0. Mas neste jogo o Leixões pagou o capital... e deu ainda juros... E o Leça viu-se derrotado por 2-0. No entanto, ambos os grupos acusam o desgasto dos seus homens, alguns deles já «jogados» em demasia.

Os pontos do Leixões foram obtidos um em cada parte, muito embora o 1.^o tempo tivesse sido o de melhor equilíbrio.

Perderam-se lances sobre lances de ambos os lados, por má combinação da linha intermédia de qualquer dos grupos. Emfim, dois grupos a exigirem «reformas» completa nos seus quadros, antes que o prestigio de qualquer deles saia do de maior. Quer o Leixões, quer o Leça, foram já grupos de primeiro plano, tendo entrado ambos nos torneios máximos. Há, portanto, uma posição a defender. É isso que se espera de quem dirige qualquer das colectividades.

e reveladora de qualidades, num futebol tão carecido de valores como o nosso, merece o devido relevo. O esportivo jogou mesmo com primária categoria. Eis um sinal de categoria.

Categorias inferiores

Não foi com facilidade que o Benfica manteve a sua posição de «leader» conquistada na jornada anterior, mercê da sua vitória sobre o Sporting. No campo da Amoreira, os estorilenses foram adversários perigosos e aguerridos, que sustentaram com o «leader» um desafio que esteve indeciso até ao último minuto.

A vitória folgada da jornada coube ao Atlético, frente ao Belenenses. Superioridade indiscutível dos alcantarenses, a assegurar o terceiro posto na classificação geral.

O Sporting encontrou na turma da Cuf mais resistência do que a que seria para esperar, não indo além da vitória pela tangente.

Resultados da última jornada:

Estoril-Benfica.....	1-2
Atlético-Belenenses.....	2-1
Sporting-Cuf.....	2-2

Com os quais a classificação geral ficou ordenada do modo seguinte: 1.^o Benfica, 16 pontos; 2.^o Sporting, 14; 3.^o Estoril, 13; 4.^o Belenenses, 12; 5.^o Cuf, 10; 6.^o Estoril, 7 p.

Em segundas categorias, os resultados foram os seguintes:

Estoril-Benfica.....	1-1
Atlético-Belenenses.....	2-3
Sporting-Cuf.....	1-2

Destechos equilibrados, com a nota curiosa de as duas vitórias registadas serem ambas dos grupos visitantes.

O Benfica sofreu um ligeiro percalço no Estoril. Mesmo assim não abandonou a sua posição de «leader». O Belenenses obteve uma vitória absolutamente dentro da lógica. Os alcantarenses, desfeito de seguirem na cauda da classificação, opuseram boa resistência. A Cuf, que segue apenas a um ponto do «leader», obteve um triunfo que teve tanto de difícil como de útil para o lugar ocupado pelos cufistas na tabela da classificação que, presentemente, é a seguinte: 1.^o Benfica, 15 pontos; 2.^o Cuf, 14 p.; 3.^o Estoril e Belenenses, 12 p.; 5.^o Sporting e Atlético, 9 p.

ALGARVE — Na primeira «onda» da segunda volta, os campeões, jogando em Portimão, interromperam a sua série de triunfos consecutivos. Os «leões» de Faro ganharam ao Glória (2-0) e o Lusitano venceu em Loulé, por 3-1. Quere dizer, nenhum dos visitados ganhou — mas o melhor resultado (1-1) pertenceu ainda aos portimonenses, cuja carreira tem sido realmente brilhante. Classificações: Olanhense, 17 pontos e 31-6; Lusitano e Portimonense, 14 p., 27-11 e 15-11; Farense, 13 p., 15-11; Glória, 8 p., 6-21; Louletano, 6 p., 4-28.

AVEIRO — Pentidima jornada da primeira volta: Sporting de Espinho-Saujoanense, 1-1; União de Lamas-União Oliveirense, 3-2. A situação permanece confusa, pois são três os candidatos ao título, e afigura-se-nos, somente na segunda volta a questão se decide...

BRAGA — Começou a prova de apuramento, com vista ao título de campeão do Minho, que classifica para o campeonato nacional. No torneio dos «primeiro plano», Vitória de Guimarães venceu Sporting de Braga, por 3-1, e Famacidão derrotou Gil Vicente, de Barcelos, por 4-1. Na prova «secundária», Sporting de Fafe venceu F. C. de Fafe num desafio local... — por 2-0, e Vianense bateu Vizela por 3-1.

CASTELO BRANCO — Na zona norte, os «leões» e «encarnados» covilhenses defrontaram-se, ganhando os primeiros por 3-1. Isto significa que o Sporting da Covilhã se apresta para conquistar novo título de campeão do distrito, pois não temos dúvidas de que os albitcastrenses perdem no «sprint». A ver vamos...

COIMBRA — A Académica tem o campeonato ganhado, mas o Sport, que perdeu com os estudantes, por 1-2, fez suar os campeões! Nos outros desafios: União-Anadia, 10-1; Naval-Lusitânia, 6-1. Vencedores fáceis, por consequência, tanto «unioñistas» como fiquelenses. A quarta «onda» do final, com os concorrentes é a seguinte: Académica, 17 pontos e 27-6; União, 16 p., 35-7; Naval, 13 p., 14-13; Sport, 10 p., 11-21; Lusitânia, 9 p., 6-23; Anadia, 8 p., 4-26.

EVORA — Deus-se, finalmente, a grande surpresa: um dos dois «leaders» perdeu! Foi o Juventude, que o Lusitano derrotou por 3-2. São dois clubes de Évora... O União de Montemor recebeu o desafio de quem é seguinte: Académica, 17 pontos e 27-6; União, 16 p., 35-7; Naval, 13 p., 14-13; Sport, 10 p., 11-21; Lusitânia, 9 p., 6-23; Anadia, 8 p., 4-26.

LEIRIA — O campeonato está a interessar bastante, especialmente na zona norte do distrito. Vejam-se os últimos resultados: Alcabças-Comércio e Indústria, 6-1; Atlético Marinhense-Marrazes, 7-3; Império-S. L. Marinha, 3-1. So um visitante ganhou: o Atlético, da Marinha Grande, que é o vencedor certo da série.

SANTARÉM — Apuraram-se nos últimos desafios das três zonas os resultados seguintes: Leões-Académica, 2-2; Sporting de Tomar-Matrena, 2-1; Ferroviário-Alcantarenses, 1-1; Rossio de Abrantes-União de Tomar, 2-2; Operário Vilafranquense-Alverca, 5-2; Águia de Vila Franca-Sporting de Alenquer, 3-1. Nota curiosa: nesta jornada de empates (houve três em seis jogos) os dois clubes de Vila Franca, deslocando-se para Alverca e Alenquer, triunfaram.

SETÚBAL — A quatro jornadas do fim do campeonato, «leader» é o mesmo do começo da prova. Na verdade o Vitória, tendo alcançado dois pontos preciosos, avançou logo na primeira «onda», sobre o seu mais directo rival — O Barreirense — segurou-se bem e continua disposto a não os deixar fugir. Quanto ao Barreirense, actual segundo classificado, parece não lhe ser já possível, com tão boa carreira daquele seu antagonista, alcançar o seu almejado título.

O terceiro lugar assenta bem no Onze Unidos, do Montijo, a subir consideravelmente de ano para ano. É um merecido prémio. Para o quarto posto é que antevemos luta renhida, entre a Cuf e o Amora, iguais na pontuação.

Os seixalenses ou os «lusitanos» Hiarão no último lugar, que, dado o incidente havido com o Arrentela e a desejada fixação de seis clubes na I Divisão, tora-se perigoso para qualquer deles.

Vitória-Luso era um jogo em atrazo, devido à visita do Benfica a Setúbal. Efectou-se na última quinta-feira. Os setubalenses ganharam (6-1) mas não convenceram, pois apesar de terem feito «score» robusto, os visitantes produziram melhor futebol.

No domingo, porém, os campeões deslocaram-se para Amora e fizeram um resultado que muitos julgavam inverosimil naquela localidade (6-0). Atacaram bem de começo e venceram nitidamente a sua personalidade. Também o Onze Unidos, na sua terra, se houve de maneira brilhante, batendo a Cuf (6-1), de modo a não deixar margem para dúvidas.

O Barreirense ganhou ao Luso (4-1) num encontro que teve algumas fases de jogo apreciáveis por parte dos vencedores e muita combatividade dos vencidos.

Ano II — Lisboa, 25 de Outubro de 1944 — II Serie — N.º 99

STADIUM
REVISTA DESPORTIVA
Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Propriedade da
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS. LDA.
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º
TELEFONE 51146 — LISBOA
Execução gráfica de NEOGRAVURA, LDA. — LISBOA
VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



1



4



5



2



7



6



7

NO PÓRTO

F. C. PORTO-SALGUEIROS:
 1 — Artur de Sousa surge entre a defesa do Salgueiros e remata de cabeça; 2 — Carregado por Correia Dias, Pelxoto defende a sóco, Jaime cai com a energia posta na jogada; BOAVISTA-ACADEMICO: 3 — Pereira, defesa do Boavista, desarma Júlio no momento do remate; 4 — Oscar defende com segurança

5 — Fase do jogo de «basket» entre o F. C. Pórtó e o Académico

6 — Os jornalistas desportivos na A. F. P., rodeando o sr. Mário de Carvalho, delegado da Direcção Geral dos Desportos

7 — O dr. Vergílio Paula falando na distribuição de prémios da A. F. P.

An advertisement for Breitling watches. The word "Breitling" is written in a large, elegant script at the top. Below it, there are several circular graphics representing watch movements and dials. Text in Portuguese describes the watches as "INSSENSÍVEL ÀS VARIACÕES ATMOSFÉRICAS" (insensitive to atmospheric variations), "APROVADO PELA AVIAÇÃO PORTUGUESA" (approved by Portuguese aviation), and "ANTI-MAGNÉTICO" (anti-magnetic). At the bottom, it says "O melhor cronógrafo" (The best chronograph).